

O bolchevismo hoje: lições, problemas, perspectivas (I) *(a propósito do centenário do II Congresso do POSDR)¹*

Tatiana Khabarova

Agosto de 2003

PREZADOS CAMARADAS,

Por estes dias comemoramos o centenário de um acontecimento cujo sentido consistiu no aparecimento, inicialmente na Rússia e em breve na cena política internacional, do primeiro verdadeiro partido **COMUNISTA**. I.e., um partido orientado não para o «*melhoramento*» do capitalismo, não para a antevisão de uma variante sua «*civilizada*», não para o compromisso histórico com ele, mas um partido que lançou abertamente o objectivo concreto do estabelecimento da ditadura do proletariado, da erradicação da propriedade privada, da eliminação de todas as formas de exploração do homem pelo homem, da construção da sociedade sem classes, da materialização dos ideais da justiça social, da igualdade e da fraternidade. E tratava-se verdadeiramente de um **PARTIDO**, não de um círculo, não de um grupo que partilhava as mesmas ideias políticas – por outras palavras, tratava-se de uma força política, de uma estrutura política capaz de lutar pelo poder.

Eis o que esteve por trás da cisão ocorrida no II Congresso do POSDR, designada até hoje de forma prosaica pelas palavras «*bolcheviques – mencheviques*» que não reflectem a essência da questão. O repto foi lançado não só à autocracia russa, mas também à própria formação socioeconómica capitalista, a qual, nesse tempo, estava longe de se afirmar plenamente e de atingir o seu florescimento, não só na Rússia mas por toda a parte no planeta. Muitos tendiam a considerar os esgares do capitalismo como uma doença de crescimento, que, alegadamente, desapareceria mal que o regime burguês amadurecesse. Porém, as mentes mais sagazes – como as dos fundadores da doutrina científica comunista, Marx e Engels e, na sua peugada, V.I. Lénine – logo nessa altura viram os vícios insanáveis deste sistema, a sua hostilidade imanente, como se diz nestes casos, aos interesses da gente laboriosa, o seu ca-

¹ Intervenção no clube político do Centro de Moscovo da Plataforma Bolchevique no PCUS, Moscovo, 14 de Agosto de 2003. Pela sua extensão e densidade optou-se pela publicação deste texto em três partes. (N. Ed.)

rácter predador irreversível. Previram todos os perigos e impasses civilizacionais que o desenvolvimento desenfreado do capitalismo acarretaria.

E procuraram mobilizar a parte honesta e laboriosa da humanidade – que designaram de proletariado – para a batalha decisiva contra o capital, e contra todo o passado explorador neste representado, muito antes de o mundo constatar, pelos seus próprios olhos, a justeza dos seus alertas. Muito antes de o capitalismo se apresentar às pessoas com a sua face actual – i.e., um poder técnico-militar sem precedentes, aliado a uma mentalidade antropeide simiesca.

Marx e Engels criaram para os trabalhadores a teoria e a ideologia da passagem revolucionária para a nova formação comunista, qualitativamente superior pelos seus parâmetros sociais. V.I. Lénine forjou e deixou nas mãos da classe operária a arma política, o instrumento político desta passagem – o partido proletário.

Eis o conteúdo geral deste momento histórico, ao qual nenhuma organização comunista, nenhuma célula comunista no mundo, pode deixar de ter em atenção.

Segundo Congresso: «a junção do líder e da organização»

Dediquemos ainda um pouco mais de tempo a reavivar alguns aspectos factuais bem conhecidos do II Congresso, os quais, numa situação em que praticamente está suspenso o ensino regular do marxismo no país, não estou certa de que todos se recordem deles assim tão bem.

Pois então, no I Congresso do POSDR, em 1898, em Minsk, V.I. Lénine não esteve presente, dado que tinha sido deportado para a Sibéria. Com o regresso de Vladímir Ilitch do exílio criou-se uma situação em que um homem, pela dimensão do seu intelecto e da sua vontade política, pelo grau de elaboração e profundidade das suas concepções, estava destinado, digamos assim, a tornar-se líder da revolução russa e da organização revolucionária russa – deste modo, tal homem apareceu como que por si próprio, assim como a organização surgiu por si própria. O que, naturalmente, não aproveitou nem ao líder nem – o mais importante – à organização, razão pela qual este intervalo entre o primeiro e o segundo congressos do partido ficou na história como o período da «*discórdia e das vacilações*».

Esta singular tarefa de «*juntar o líder e a organização*» foi resolvida por V. I. Lénine entre 1900 e 1903, através do seu célebre plano de criação do jornal político de toda a Rússia – o *Iskra* – e depois com a sua apresentação no II Congresso do POSDR. Porém esta tarefa devia ser resolvida **OBJECTIVAMENTE** e não porque fosse um desejo de Lénine tornar-se líder. Um grande político deve ter sempre uma noção clara do seu lugar **OBJECTIVO** no processo histórico, e deve empenhar-se em ocupá-lo, está **OBRIGADO** a lutar por esse lugar. E a chamada «*ambição*» não tem qualquer relação com isto.

«*Toda a actividade do Iskra enquanto grupo particular foi até agora uma luta pela influência, mas agora trata-se de algo mais, trata-se de consolidar organicamente esta influência e não só lutar por ela. (...) de que serviria todo o nosso trabalho, todos os nossos esforços, se viessem a ser coroados pela mesma velha luta pela influência, e não pela plena aquisição e consolidação da influência*».²

² *Um Passo em Frente, Dois Passos Atrás* (Maio de 1904), V.I. Lénine, *Obras Escolhidas* em três tomos, Ed- Avante! – Ed. Progresso, Lisboa – Moscovo, 1981, tomo 1, p. 301.

A base ideológica conceptual do *Iskra* estava no mínimo um nível acima dos preceitos teóricos da social-democracia «*pré-leninista*» de então, ainda em grande medida sob cativo do famigerado «*economismo*». Isto permitiu ao *Iskra* orientar-se com muito mais acerto no curso dos acontecimentos e, correspondentemente, fazer recomendações mais avisadas. A partir do Verão de 1902, os comités locais do POSDR começaram a assumir as posições do *Iskra*. Isto foi acompanhado pela aprovação de resoluções, nas quais os comités afirmavam, no essencial, a sua ruptura com o «*economismo*».

Deste modo, V.I. Lênine tinha todas as razões para não duvidar de qual seria o resultado geral de princípio do futuro congresso.³ No Congresso, que decorreu de 17 (30) de Julho a 10 (23) de Agosto de 1903, parte em Bruxelas, parte em Londres, estiveram presentes 43 delegados com 51 votos,⁴ dos quais 24 pertenciam aos companheiros de Lênine – *iskristas* «*firmes*» –, nove a *iskristas* «*moles*», que apoiaram Márto, dez votos estavam no campo pantanoso dos que vacilavam entre um lado e outro, e oito votos eram de oportunistas abertos: os «*economistas*» e os membros do Bund.⁵

O Congresso aprovou o Programa do partido, projecto escrito por G.V. Plekhánov e depois substancialmente alterado por V.I. Lênine, bem como os Estatutos igualmente elaborados por Lênine. No entanto é verdade que o parágrafo dos Estatutos sobre a filiação no partido foi aprovado pelo Congresso com a formulação vaga de Márto. Isto teve de ser alterado dois anos mais tarde, no III Congresso do POSDR. Depois de os oportunistas declarados terem abandonado o congresso – os representantes do Bund e da União de Sociais-Democratas no Estrangeiro – a maioria do Congresso passou resolutamente para o campo dos partidários de V.I. Lênine, obtendo uma vitória convincente durante o debate sobre a estrutura dos órgãos dirigentes, o relacionamento entre eles e a sua composição. A partir desse momento os marxistas-leninistas passaram a ser chamados de bolcheviques.⁶

A comparação do Manifesto saído do I Congresso do POSDR com o Programa do II Congresso permite ver a grandeza do passo em frente dado no II Congresso do movimento emancipador russo.

O Manifesto de 1898 limitava o partido, na prática, à participação na revolução democrática burguesa que se avizinhava e à conquista das «*liberdades políticas*» democrático-burguesas, de que a classe operária da Europa ocidental já dispunha nessa altura. A liberdade política é proclamada como «*condição fundamental*» para o êxito da luta do proletariado «*por melhorias parciais e pela sua emancipação final*».⁷ A tónica nas «*liberdades políticas*» induzia na ideia de que a ulterior «*luta pelo socialismo*» seria travada através da utilização ordeira destas liberdades, i.e.,

³ Idem, *ibidem*, p.

⁴ Cada comité do partido tinha direito a enviar dois delegados, mas alguns apenas puderam enviar um representante, acumulando por isso dois votos. (N. Ed.)

⁵ Trata-se da União Geral Judaica Operária da Lituânia, Polónia e Rússia, movimento socialista criado no final do século XIX no Império Russo, conhecido por Bund («*união*» em ídiche). (N. Ed.)

⁶ Da palavra russa *bolchinstvo* («*maioria*»). (N. Ed.)

⁷ Ver *O PCUS nas suas Resoluções e Decisões dos Congressos, Conferências e Plenários do CC*, parte I, Gospolitizdat, 1954, p.13.

pela via reformista. Em todo o caso no Manifesto não se falava de revolução socialista enquanto tal.

Ao contrário do Manifesto do I Congresso, o Programa de 1903 define claramente o «*derrubamento da autocracia tsarista e a sua substituição pela república democrática*»⁸ apenas como um momento subordinado da «*revolução social*» geral, cuja essência deverá consistir na «*substituição das relações de produção capitalistas pelas relações de produção socialistas*».⁹ Sublinha-se a necessidade do estabelecimento da ditadura do proletariado para esse fim – ideia que, na passagem do século XIX para o século XX, tinha sido retirada da ordem do dia por toda a parte pelos sociais-democratas ocidentais. É dada a devida atenção aos interesses e exigências do campesinato, ao passo que no Manifesto simplesmente não há uma palavra sobre os camponeses. As exigências dos operários perante a etapa democrático-burguesa da revolução são formuladas de forma incomparavelmente mais detalhada e circunstanciada, sendo todavia fácil de ver que parte destas reivindicações não se destinam, manifestamente, a terem uma real satisfação no quadro da etapa burguesa, têm antes um certo carácter «*estimulante*», impelem para a etapa propriamente socialista.

Na historiografia soviética do partido acentuava-se habitualmente a importância dos Estatutos fortemente centralistas aprovados pelo II Congresso, com base no princípio da estrutura e organização de toda a actividade de «*cima para baixo*». Penso, no entanto, que sem as «*firmes bases teóricas*»,¹⁰ como o próprio Lênine a definiu, propostas ao II Congresso para o funcionamento do partido, não seriam quaisquer artificios estatutários, quaisquer pretensões do centro relativamente a uma subordinação incondicional, que obrigariam alguém a subordinar-se realmente e transformariam o partido nesse organismo monolítico unicamente por meio do qual seria possível atingir os grandiosos objectivos traçados.

E todos estes objectivos – por muito fantasiosos e quase insanos que tenham parecido até aos companheiros mais próximos de Lênine, em diferentes momentos – todos eles foram concretizados brilhantemente num prazo histórico extremamente curto. A revolução democrático-burguesa na Rússia transformou-se impetuosamente em revolução proletária – e esta era uma ideia leninista completamente «*louca*», do ponto de vista dos dogmáticos do marxismo de então. A revolução socialista venceu e foi capaz de se defender num só país, tomado separadamente, da fúria de todo o capital mundial – outra pura «*loucura*» se víamos a teoria marxista como um dogma, e não como um guia para a acção. Mal houve tempo de olhar para trás para o campo do imperialismo e, no enorme território euroasiático – que o capital internacional há muito via como uma presa fácil – já se edificava uma superpotência inexpugnável, construída segundo princípios absolutamente impensáveis para a consciência «*normal*» burguesa e, para esta consciência, simplesmente inconcebíveis. Apesar disso, era preciso chegar a um entendimento com os dirigentes desta superpotência e comportar-se como se ali não estivesse a acontecer nada de anormal.

Nós, camaradas, subestimamos a visão caótica, o pesadelo, o inferno que era para a burguesia mundial o facto em si de existir ante os seus olhos este colosso socia-

⁸ Idem, *ibidem*, p. 40.

⁹ Idem, *ibidem*, p. 39.

¹⁰ *Um Passo em Frente, Dois Passos Atrás*, ed. cit., p. 239.

lista – a URSS, a qual, segundo todos os cânones da «*ciência*» exploradora e da moral não podia existir de forma nenhuma – e todavia, imagina lá tu, não só existe como espalha este contágio por todo o globo terrestre.

Basta apenas ver com que frenesim diabólico o imperialismo anglo-americano procura hoje destruir e, literalmente com um ferro em brasa, reduzir a cinzas todos os vestígios do socialismo que a seu ver permanecem no planeta. Imaginem o que terá sido para o imperialismo ter de suportar-nos a seu lado durante os 70 anos da União Soviética. E só autênticos titãs de mente, espírito e vontade poderiam ter projectado, edificado realmente e defendido durante décadas, no meio de um cerco explorador monstruosamente hostil, um tal baluarte do futuro comunista como foi a União Soviética.

A revolução realiza-se verdadeiramente apenas quando a classe revolucionária se torna classe fundadora do Estado

E todavia, esta não é a conversa que, em geral, se espera daqueles que, na nossa situação actual, se proclamam seguidores do bolchevismo, partidários e continuadores da tradição intelectual e política do bolchevismo. Não é o relato – por mais escrupuloso que seja – das peripécias que aconteceram no II Congresso do POSDR, à sua volta e depois dele. De nós esperam uma análise da razão pela qual, no centenário do Congresso, no 86.º aniversário da revolução que se aproxima e no 58.º aniversário da vitória do povo soviético na Grande Guerra Patriótica, que acaba de passar – por que razão comemoramos tudo isto sob a bandeira tricolor com as águias tsaristas e com um *gauleiter*¹¹ do neofascismo das transnacionais no Krémelin. Teremos isto por muito tempo ou será para sempre, existe saída da situação criada, vislumbramos alguma coisa do futuro ou estaremos presos mental e emocionalmente ao passado e simplesmente já não conseguimos descortinar nada do que temos pela frente?

A mais simples destas questões é a questão sobre as perspectivas, em particular sobre as perspectivas estratégicas bastante distantes.

Hoje são já poucas as pessoas com pensamento de esquerda que têm dúvidas de que o país não tem outro futuro senão o socialismo – o que significa também o comunismo. É perfeitamente claro até para o mais tolo dos tolos que a economia tem de estar sob o controlo do Estado – em todo o caso os seus sectores-chave – que as garantias sociais, que as pessoas usufruíam na URSS, devem ser não só restabelecidas mas também multiplicadas, que o Estado, a despeito de alguns clamores sobre a «*liberdade de expressão*», etc., deve conduzir uma política patriótica firme e determinada também na esfera dos meios de comunicação de massas, na esfera da cultura e muito em particular na esfera ideológica. Que o governo deve dirigir o país no interesse do próprio povo e da sua «*opção histórica*» e não no interesse da «*comunidade internacional*». E para isso tem de dispor de forças armadas poderosas equipadas com a técnica mais moderna e uma diplomacia que se bata por toda a parte no globo terrestre não pelos «*valores comuns da humanidade*», mas pelas nossas prioridades nacionais. E a tudo isto tomado em conjunto, resumidamente,

¹¹ *Gauleiter*, responsável político do partido nazi (NSDAP) e chefe administrativo das regiões alemãs e territórios anexados durante a II Guerra Mundial. (N. Ed.)

se chama socialismo ou, se quiserem, comunismo – entendido no plano do seu desenvolvimento histórico.

Ora, o bolchevismo não é outra coisa senão o sinónimo histórico-concreto russo consequente de comunismo. Não foi em vão que I.V. Stáline alterou o nome do «*partido dos bolcheviques*» para simplesmente partido comunista.

Com frequência no nosso país se contrapõe o bolchevismo a todo o não-bolchevismo, tal como se contrapõe uma corrente revolucionária do pensamento político a outra conformista, não revolucionária. Em geral isto é assim, mas aqui a essência da questão não está no revolucionarismo em abstracto. Entre os opositores de V.I. Lénine não haveria ninguém que negasse a necessidade da revolução democrático-burguesa na Rússia. O seu oportunismo não consistia em serem «*contra a revolução em geral*», mas no facto de o seu revolucionarismo não se estender até ao reconhecimento firme e unívoco da necessidade da revolução **SOCIALISTA**, proletária, até ao reconhecimento – como sublinhou V.I. Lénine – do principal na doutrina de Marx, a ideia da ditadura do proletariado.

O que é a ditadura do proletariado? A ditadura do proletariado é a **ESTRUTURA DO ESTADO QUE É PRÓPRIA** da gente de trabalho. Própria significa que não é como a estrutura do Estado democrático-burguês.

Foi aqui que se levantou uma barreira social-psicológica invisível. Na verdade o movimento emancipador da altura era constituído no fundamental pela *intelligentsia*, a qual, pela sua origem e posição de classe, não podia deixar de ser burguesa e pequeno-burguesa. O intelectual-revolucionário, o intelectual-democrata estava ardorosamente ao lado das massas oprimidas, e para as libertar da opressão estava disposto a ir para a prisão, a ser deportado e mesmo a subir ao cadafalso. Mas a *intelligentsia* entendia implicitamente a palavra de ordem da ditadura do proletariado como a exigência da entrega de todo o poder na sociedade a pessoas incultas e sem instrução. Sem dúvida que é preciso melhorar a vida dessas pessoas, mas para quê investi-las de plenos poderes, os quais não saberão exercer correctamente, por muita vontade que tenham?

Era preciso desenvolver um enorme trabalho ideológico-teórico que revelasse na sua plenitude o sentido essencial, transcendente, como se diz na filosofia, do conceito de ditadura do proletariado, e o depurasse de vulgarizações involuntárias ou mal-intencionadas.

Na verdade, a ditadura do proletariado não se trata de proletários com espingardas, ou mais simplesmente com moccas, em cada esquina, nem de cozinheiras nos ministérios. Trata-se de um tipo de estrutura estatal historicamente definido, que não é de todo primitivo, mas pelo contrário, é o mais desenvolvido de todos os que até agora existiram, o mais aperfeiçoado pela sua organização interna, extraordinariamente «*astuciosa*», complexa e subtil. Esta estrutura estatal está orientada para erradicar da sociedade até ao fim, completamente, todas e quaisquer formas de alienação do homem da vida económica, política, espiritual-cultural, para que todos **SEM EXCEPÇÃO** – uma das expressões favoritas de Lénine! – sejam inteiramente iguais em direitos, e também membros inteiramente responsáveis dessa associação, onde o desenvolvimento pessoal de cada um não contrarie, mas antes se identifique realmente com o desenvolvimento livre de todos.

Mas tal trabalho, com a amplitude necessária, estava ainda por fazer. Naquela altura o importante era consolidar um ponto de partida, e esse ponto de partida era a consciência extremamente clara de que a revolução sem a tomada do poder pela

classe revolucionária e sem a criação pela classe revolucionária precisamente da sua estrutura estatal, de uma estrutura que objectivamente lhe fosse própria – não seria uma revolução, mas apenas uma forma de enganar as massas, que se traduziria inevitavelmente numa tragédia para essas massas enganadas. Sem o seu Estado, como se não tivesse braços, a classe revolucionária não poderia concretizar os seus anseios, tal como não poderia defender as conquistas alcançadas directamente durante a revolução. A revolução verdadeiramente realiza-se apenas quando a classe revolucionária se torna classe fundadora do Estado e adquire essa qualidade sem quaisquer reservas e sem qualquer hesitação. Isto mesmo que pareça a alguém que o contingente revolucionário realmente existente não está preparado e que é inapto em absoluto para tal papel.

V.I. Lénine e os leninistas – i.e. os bolcheviques – compreendiam profundamente esta necessidade da **CONSTITUIÇÃO DO PROLETARIADO COMO CLASSE FUNDADORA DO ESTADO**. Os mencheviques não a compreendiam. Eis por onde passa a separação de águas entre o comunismo conseqüente e autenticamente científico do século XX e o comunismo inconseqüente, não científico, por outras palavras, o oportunismo. Eis o autêntico valor da presença ou da ausência da fórmula sobre a ditadura do proletariado nos documentos programáticos do partido revolucionário. São dois níveis qualitativamente incomparáveis do pensamento político. Um permanece inteiramente no século XIX, o outro pertence aos séculos XX e XXI.

A justeza histórica do comunismo leninista – o bolchevismo – foi brilhantemente confirmada ainda durante a vida de Lénine pela Grande Revolução Socialista de Outubro e pelos acontecimentos em seu torno: a marcha triunfal do poder soviético pelos territórios do antigo Império Russo, a derrota dos guardas brancos na Guerra Civil e o fracasso da intervenção imperialista, o início da reconstituição do Império destruído não pelos bolcheviques, mas pelos tristes revolucionários de então.

O bolchevismo hoje: lições, problemas, perspectivas (II) *(a propósito do centenário do II Congresso do POSDR)¹*

Tatiana Khabarova

Agosto de 2003

**O socialismo é a forma estatal do desenvolvimento
da revolução mundial anti-exploradora.**

A passagem da luta revolucionária de classe para o nível inter-estados.

A razão da nossa derrota na presente etapa.

**A Terceira Guerra Mundial – o não reconhecimento pela direcção
política soviética da agressão de novo tipo e a não adopção das medidas
necessárias para repelir a agressão.**

E aqui inicia-se já um novo capítulo, toda uma nova etapa no desenrolar do processo revolucionário-emancipador mundial. É a época em que as massas laboriosas, encabeçadas pelo proletariado – ou o proletariado com os seus aliados sociais – se tornam não apenas a classe revolucionária, a classe insurrecta, mas a **CLASSE FUNDADORA DO ESTADO**, se tornam detentores e executores do poder de Estado. A história prática e teórica do bolchevismo no século XX é a história do desenvolvimento da revolução comunista na forma estatal.

Num desses «*seminários*» trotskistas, que nos últimos anos se têm realizado em grande número no nosso país, fui chamada de «*ideóloga do socialismo de Estado*». Sim, num certo sentido sou ideóloga do socialismo de Estado. No sentido em que o socialismo é a **FORMA ESTATAL DO DESENVOLVIMENTO DA REVOLUÇÃO MUNDIAL ANTI-EXPLORADORA**. Só pessoas que não compreendem o significado das palavras que pronunciam podem falar em socialismo **NÃO** estatal.

A partir do ponto de vista «*estatista*» todos os problemas que se colocaram perante o bolchevismo – i.e., em primeiro lugar perante o socialismo soviético – sistematizam-se, «*dispõem-se*» por si próprios, quase que naturalmente. Torna-se visível mais claramente o que foi resolvido, o que foi apenas parcialmente resolvido ou o que não foi resolvido, em que tropeçaram, o que está por resolver, etc.

¹ Segunda parte da intervenção no clube político do Centro de Moscovo da Plataforma Bolchevique no PCUS, Moscovo, 14 de Agosto de 2003.

Tentemos, ainda que de forma muito breve, resumidamente, fazer uma resenha desta problemática.

E por muito estranho que pareça, a partir do ângulo por nós escolhido é muito mais fácil responder à questão, dir-se-ia, mais sombria, sobre as causas da catástrofe ocorrida, sobre aquilo em que tropeçámos.

A causa do ocorrido é a subestimação estratégica, no plano político, e doutrinal, no plano teórico, por parte da direcção do país após Stáline, do facto – em rigor não é sequer um facto, mas todo o quadro objectivo da nossa situação no século XX – de que a criação do Estado soviético e a supressão das classes exploradoras no interior do país não foram o culminar da nossa revolução, no sentido amplo da palavra, e muito menos da luta de classes, mas a passagem da luta revolucionária de classes para uma fase muito mais complexa e perigosa. Trata-se da passagem da luta revolucionária de classe para o nível estatal, mais precisamente para o nível inter-estatal, o que significou, antes de mais, a junção total, a fusão do inimigo de classe externo, geopolítico, com o inimigo interno, com todos os elementos anti-socialistas e sobrevivências do passado no seio da nossa sociedade. Isto, como se depreende facilmente, ampliou muito o campo de acção de uns e outros e elevou ao quadrado o grau de ameaça que deles emanava.

Em segundo lugar, uma vez que a luta de classes ao nível inter-estatal abreviadamente se chama guerra, então tudo isto significava que, no horizonte visível da nossa coexistência com o cerco imperialista, pela sua natureza, não obstante todos os atributos da regulação diplomática, não teríamos outra coisa senão uma **GUERRA** permanente. Todavia, dado que era preciso manter a aparência de relações diplomáticas normais, precisamente por isso, esta guerra começou a adquirir formas extremamente refinadas, pode-se dizer mesmo pervertidas, ambíguas, perversas e traiçoeiras. Foi-nos dada a possibilidade de nos convencermos plenamente disto através do exemplo da guerra «fria», ou guerra informativa-psicológica, que – como nós, a Plataforma Bolchevique no PCUS e o Movimento dos Cidadãos da URSS, temos repetido incessantemente em todos os nossos materiais – era, é e continuará a ser durante algum tempo a Terceira Guerra Mundial, desencadeada imediatamente após o fim da Segunda Guerra Mundial. Aparentemente, os nossos aliados na coligação anti-hitleriana comemoraram connosco a vitória, mas se para nós se tratou verdadeiramente, apenas e em toda a sua extensão de uma vitória, para eles foi uma meia derrota, se não mesmo mais do que meia. E onde existe a constatação de uma derrota está também a directiva da revanche. Esta directiva para a revanche histórica contra a URSS foi logo formulada com toda a franqueza por W. Churchill, no seu memorável «*discurso de Fulton*», em 5 de Março de 1946.

A partir da segunda metade dos anos 40, os EUA puseram oficialmente em marcha (não foi um simples delírio) – i.e., financiamento, recrutamento de quadros, etc. –, planos monstruosos pelo seu cinismo para o derrubamento do poder soviético no nosso país, por via de uma actividade diversionista massiva, versátil e altamente integrada. A aposta foi feita na reanimação da «*quinta coluna*», que havia sido liquidada praticamente na totalidade no tempo de I.V. Stáline, e na ocupação por ela dos postos-chave em todas as esferas da administração partidária-estatal na União Soviética. Hoje, por enquanto, ainda é difícil avaliar com a necessária segurança quem, entre os dirigentes pós-Stáline, era traidor encapotado, quem era «*quinta-colunista*» efectivo, quem era subjectivamente honesto mas não dispunha de uma mente suficientemente forte e uma visão ampla para se interpretar correc-

tamente os acontecimentos, e quem entrou em euforia face ao elevado nível geopolítico alcançado pela URSS no final da governação de Stáline. Nesse momento – como referem as fontes – a União Soviética desfrutava de uma **SEGURANÇA NACIONAL ABSOLUTA**, i.e., nenhuma potencial coligação de potências imperialistas lhe poderia infligir uma derrota militar.²

Seja como for, o quadro geral da era pós-Stáline é manifestamente lamentável: o inimigo de classe unido (o interno e o externo) desencadeou obstinada e metodicamente uma guerra de novo tipo contra nós; a nossa cúpula governante ou não compreendeu isto em absoluto ou revelou uma negligência criminoso face ao perigo crescente, ou – o que é o mais abominável – participou secretamente na agressão ao lado do inimigo. A causa da nossa derrota na etapa presente da Terceira Guerra Mundial – repito – é **O NÃO RECONHECIMENTO PELA DIRECÇÃO POLÍTICA SOVIÉTICA DA AGRESSÃO DE NOVO TIPO, E NESTA DECORRÊNCIA A NÃO ADOÇÃO DAS MEDIDAS NECESSÁRIAS PARA REPELIR A AGRESSÃO**. Naturalmente que não se pode subestimar a importância do facto de, no período da permanência no poder de L.I. Bréjnev, o nosso país ter atingido a paridade militar-estratégica com os EUA e o bloco da NATO em matéria de armamento nuclear. Os resquícios dessa paridade ainda hoje, de alguma forma, nos mantêm à superfície. Mas a desgraça está em ter sido utilizada contra nós uma arma de um novo escalão superior: a diversão psicopolítica transversal orientada para provocar – em última instância – a traição nacional das estruturas de poder. O que veio a acontecer em resultado de todos os esforços empregues pelo inimigo.

Direi ainda, para concluir este subcapítulo, que V.I. Lénine e I.V. Stáline nunca subestimaram o processo de aprofundamento, endurecimento e complexidade crescente da luta de classes à medida do avanço para o comunismo.

«*O que é a luta de classes?*» – interrogava Lénine em 1921 – «*É uma guerra, e muito mais cruel, prolongada e tenaz do que qualquer outra guerra jamais ocorrida*».³ Se se tiver em conta que V. I. Lénine concordava inteiramente com Marx em que a ditadura do proletariado cobre toda a distância histórica «*entre a sociedade capitalista e a comunista*», todo o período «*da transformação revolucionária de uma na outra*»,⁴ então teremos os limites temporais desta guerra descrita por Lénine.

Nas obras de Lénine deparamo-nos várias vezes com a indicação específica de que a única garantia sólida de que o capitalismo não seria restaurado no nosso país é «*a revolução socialista no Ocidente*».⁵ «*A transição do capitalismo para o comunismo é toda uma época histórica. Enquanto ela não terminar, os exploradores*

² Cf. M.V. Aleksandrov, *A Doutrina de Política Externa de Stáline*, Canberra, Australian national university, 1995, p.113.

³ *VII Conferência do Partido da Gubérnia de Moscovo, 29-31 de Outubro de 1921, Discurso sobre a Nova Política Económica, 29 de Outubro*, V.I. Lénine, *Obras Completas* (em russo), t. 44, pp. 201-211.

⁴ *O Estado e A Revolução* (Agosto/Setembro de 1917), V.I. Lénine, *Obras Escolhidas* em seis tomos, Ed. Avante! – Ed. Progresso, Lisboa – Moscovo, 1985, tomo 3, p. 259.

⁵ *Sobre os resultados do Congresso* (1906), V.I. Lénine. *Obras Completas* (em russo), t. 13, p. 78.

continuam a manter esperança da restauração, e esta **esperança** transforma-se em **tentativas** de restauração».⁶

Pergunta-se, quais são os exploradores que alimentam a esperança da restauração burguesa no Estado da ditadura do proletariado e empreendem tentativas com vista a essa restauração? Pressupõe-se que isto ocorre **ANTES** da realização da «*revolução socialista no Ocidente*», uma vez que depois desaparece a própria base económica para a restauração.⁷ Evidentemente que aqui não se pode dispensar uma estreita «*cooperação*» entre o capital estrangeiro transnacional e potenciais elementos exploradores no seio do Estado operário e camponês. I.e., a compreensão da inevitabilidade de tal ocorrência, que mais tarde foi chamada guerra psicopolítica, é clara em V.I. Lénine.

I.V. Stáline não é a este respeito menos categórico.

Eis a sua intervenção em 1926 «*Sobre o desvio social-democrata no nosso partido*», na XV Conferência de Toda a Rússia do PCU(b)

«(...) *Podemos e devemos construir a sociedade socialista no nosso país. Mas pode-se chamar a esta vitória total e definitiva? Não, não se pode chamar. Podemos vencer os nossos capitalistas, construir o socialismo, e estamos em condições de o construir, mas isto ainda não significa que estamos em condições de preservar o país da ditadura do proletariado da ameaça externa, da ameaça da intervenção e, relacionada com ela, da restauração, do restabelecimento da velha ordem. Não vivemos numa ilha. Vivemos no cerco capitalista (...) Pensar que o mundo capitalista pode olhar com indiferença para os nossos êxitos na frente económica, êxitos que revolucionam a classe operária mundial – isso significa cair na ilusão (...) para vencer definitivamente é preciso conseguir que o actual cerco capitalista seja substituído pelo cerco socialista (...)*».⁸

As suas reflexões sobre este tema não se suavizaram com o passar dos anos.

«*Naturalmente que a nossa política não pode ser considerada de modo nenhum uma política de atijamento da luta de classes (...) enquanto estivermos no poder (...) não estamos interessados em que a luta de classes adquira formas de guerra civil. Mas isto não significa de todo que a luta de classes tenha com isso cessado ou que (...) não irá agudizar-se.*» «*Pelo contrário, o avanço para o socialismo não pode deixar de levar os elementos exploradores à resistência a esse avanço, e a*

⁶ *A Revolução Proletária e o Renegado Kautski*, V.I. Lénine, *Obras Escolhidas* em seis tomos, ed. cit., t. 4, p. 31.

⁷ A passagem de Lénine a que a autora se refere é a seguinte:

«*A revolução russa pode vencer pelas suas próprias forças, mas em caso algum pode pelas suas próprias mãos manter e consolidar as suas conquistas. Não poderá conseguir-se no Ocidente não houver uma revolução socialista; sem esta condição a restauração é inevitável, quer seja com a municipalização, quer seja com a nacionalização ou com a distribuição, uma vez que o pequeno proprietário, sob todas e quaisquer formas de posse da propriedade, será o suporte da restauração.*»

«*Intervenção final sobre a Questão Agrária, Congresso Unificador do POSDR (10-25 de Abril de 1906)*», V.I. Lénine. *Obras Completas* (em russo), t. 12, p. 362.

⁸ «*Sobre o desvio social-democrata no nosso partido*, XV Conferência de Toda a Rússia do PCU(b) (1926), I.V. Stáline, *Obras* (em russo), t. 8, pp. 262-263.

*resistência dos exploradores não pode deixar de levar à inevitável agudização da luta de classes.»*⁹

Lembremo-nos da fúria com que os khruchovistas atacaram precisamente esta tese de Stáline (que é de igual modo de Lénine) sobre a agudização da luta de classes no decurso da edificação socialista e comunista. Suponhamos por um momento que entre os governantes da URSS, depois de Stáline, não havia traidores assumidos. Nesse caso parece ainda mais imperdoável a cegueira política por eles revelada e a incapacidade de compreenderem que a luta de classes, à medida que se estreita a sua base no interior do país, mais instantaneamente procurará aliar-se ao inimigo externo, até gerar esse monstro da guerra diversionista, na qual é já quase impossível distinguir se se trata de uma agressão a partir do exterior, levada a cabo por renegados e traidores de classe internos, ou de uma traição interna, cuja força diabólica é alimentada pelo inimigo externo.

Neste ponto da nossa argumentação surgem habitualmente objecções no sentido de que é preciso analisar as contradições internas do socialismo e que não se pode atribuir tudo ao factor subjectivo. No entanto, camaradas, a luta de classes é precisamente uma das mais importantes contradições **OBJECTIVAS** do desenvolvimento social. E – a como nos reafirmaram em uníssono V.I. Lénine e I.V. Stáline – ninguém a aboliu na sociedade socialista ao longo de todo o período até à nossa chegada revolucionária ao comunismo completo. De modo que se não conseguimos dominar esta contradição, quer se entenda ou não as restantes, o resultado será o mesmo: precisamente aquele que hoje temos.

No XVI Congresso do partido, I.V. Stáline falou da contradição entre o capitalismo no seu conjunto e o país que construía o socialismo, referindo que esta contradição «*revela até à raiz todas as contradições do capitalismo e junta-as num único cerne, tornando-as numa questão de vida e de morte dos próprios regimes capitalistas*».¹⁰ Daqui é preciso concluir – aliás é a experiência histórica que nos mete isto pelos olhos dentro – que esta contradição, a contradição entre nós e o mundo do capital no seu conjunto, representa também para nós o mesmo concentrado de todos os problemas e a mesma questão de vida ou de morte, tal como o é para o inimigo. Toda a diferença está apenas em que o imperialismo mundial, encontrando-se no ponto de declínio da sua epopeia histórica, olhava para todas estas coisas com muito maior lucidez, conseguiu ler nelas o aviso fatal que lhe era dirigido e retirou as correspondentes ilações. Nós, infelizmente, não o conseguimos fazer, provavelmente porque caminhávamos numa ascensão histórica e estávamos ébrios com os nossos êxitos.

⁹ «*Sobre a industrialização e o problema do pão: discurso no plenário do CC do PCU(b), 9 de Julho de 1928*», I.V. Stáline, *Obras* (em russo), t. 11, pp. 170-172.

¹⁰ «*Relatório político do Comité Central ao XVI Congresso do PCU(b), 27 de Junho de 1930*», I.V. Stáline, *Obras* (em russo), t. 12, p. 255.

O bolchevismo hoje: lições, problemas, perspectivas (III) (a propósito do centenário do II Congresso do POSDR)¹

Tatiana Khabarova

Agosto de 2003

A resposta bolchevique actual à questão da superação da catástrofe – a concepção da situação actual da URSS como um país temporariamente ocupado, passível de ser libertado através do desenvolvimento da Resistência Patriótica do Povo Soviético.

NOS ANOS 20 do século passado, I.V. Stáline, com um raro vigor teórico-ideológico, formulou uma tese que, desculpem-me, até ao momento continuamos a escavar e não há maneira de a compreendermos, apesar de hoje ela nos ser cinco vezes mais necessária do que na altura era a Stáline.

Trata-se da tese – que atrás já analisámos – de que depois da Revolução de Outubro, o processo revolucionário mundial passou para uma nova fase histórica; a fase da sua conversão na **FORMA ESTATAL**, quando os trabalhadores se tornam classe fundadora do Estado e a luta de classes adquire – correspondentemente – igualmente um carácter inter-estatal, global, não se podendo já separar aquela que é travada no interior de um país socialista da que esbraveja fora das suas fronteiras. Proclamou-se como valor mais alto do processo mundial emancipador e expressão concentrada da sua energia não já a revolução no sentido tradicional da palavra, i.e., o golpe de Estado com o objectivo da tomada do poder, mas o destino do Estado da ditadura do proletariado fundado de facto, que na altura era apenas a URSS. O superior dever de classe do revolucionário-internacionalista autêntico era a defesa incondicional e sem reservas da URSS de quaisquer atentados contra ela, internos ou externos.

Nos nossos dias esta abordagem de Stáline (embora seja também uma abordagem leninista consequente) foi adoptada na concepção, desenvolvida pelo Movimento de Cidadãos da URSS e da Plataforma Bolchevique no PCUS, sobre a situa-

¹ Terceira e última parte da intervenção no clube político do Centro de Moscovo da Plataforma Bolchevique no PCUS, Moscovo, 14 de Agosto de 2003. (N. Ed.)

ção actual da URSS enquanto país temporariamente submetido à ocupação do imperialismo globalista e passível de ser libertado através do desenvolvimento da Resistência Patriótica do Povo Soviético de novo consolidado.

Esta é, segundo a nossa profunda convicção, a única resposta bolchevique actual possível à questão não já sobre as causas, mas sobre as vias de superação da catástrofe nacional eclodida.

Não vou falar aqui em pormenor sobre isto (...).²

Não vou também entrar na polémica estafada da nova revolução ou da guerra de libertação nacional, da classe ou do povo, etc., uma vez que, na sua essência, há muito que demonstrámos o dogmatismo e a caducidade irremediável das posições que se nos opõem. Sobre isso, desde o início dos anos 90, temos falado centenas de vezes, escreveu-se, muitos desses escritos estão publicados, e se os visados por estas publicações fazem de conta que nada daquilo existe – isso, concordarão, é uma questão da sua própria honestidade científica e política, que de modo nenhum nos diz respeito. Acresce que agora tudo isto está a ser publicado na Internet. Se antes podiam fingir que não conheciam os jornais *Svetotch*, o *Slova Kommunist* ou o *Za SSSR*, pois agora é muito mais difícil fingir total desconhecimento.

«A última camada» na herança criativa dos nossos clássicos – garantia da imortalidade do bolchevismo e da sua vitória definitiva à escala do globo terrestre. O modelo económico de Stáline.

Pois bem, a ideia de Stáline sobre a URSS como pico e culminar dinâmico de todo o processo de emancipação do trabalho, e isto é a ideia da **INDESTRUTIBILIDADE** objectiva da **URSS** – só veio a ser reclamada, como vêem, embora ainda não na devida medida, 80 anos após ter sido apresentada. Tal é o «*desfasamento*» do avanço do tempo histórico do pensamento de Stáline, um pensamento verdadeiramente bolchevique leninista. Sim, naturalmente que nos anos 20 esta ideia ajudou a prevenir uma agudização da situação internacional que nos era prejudicial. Mas o verdadeiro alcance desta visão de Stáline só hoje começa a revelar-se.

E eis, camaradas, para o que quero chamar a vossa atenção: no conjunto da herança histórica de I.V. Stáline, o segundo maior bolchevique do século XX, existe toda uma camada de elevadas iluminações da acção futura. São estas iluminações que constituem o principal contributo substancial de I.V. Stáline e de todo o bolchevismo soviético para o acervo doutrinário do comunismo, do marxismo-leninismo. E são precisamente estes rasgos de uma mente investigadora, investigadora e ao mesmo tempo realizadora, que no seu conjunto permitem afirmar – mesmo na nossa triste situação actual – com toda a convicção que a causa do bolchevismo, i.e., do comunismo consequente, é imortal e alcançará inquestionavelmente a vitória final não só no nosso país, mas à escala de todo o planeta. E mais ainda: não será preciso esperar assim tanto tempo por essa vitória.

De seguida responderemos à última das questões que hoje colocámos: o que foi conseguido e o que não foi totalmente conseguido pelos bolcheviques-stalinistas no

² A autora faz aqui um aparte que omitimos para remeter a audiência para o *site* da sua organização, na altura ainda em construção, onde começavam a ficar estão disponíveis vários materiais sobre a temática. (N. Ed.)

decurso da construção da nova sociedade na URSS – e, deste modo, quais os aspectos que devem ser concluídos pelo bolchevismo actual, após o regresso do Estado e do poder legítimo, i. e., soviético, ao território do nosso país e após a eliminação das consequências mais catastróficas da invasão inimiga.

Mais uma vez detenho-me apenas naqueles aspectos fulcrais – que designámos cimeiros – aos quais nos referimos atrás e que no seu conjunto constituem aquilo que no comunismo é historicamente indestrutível e imortal, ao contrário do que é passível de ser temporariamente destruído – por muito lamentável que seja.

A industrialização, a colectivização do campo, a revolução cultural e de quadros, a preparação acelerada para a guerra, que viria a ser a Grande Guerra Patriótica do Povo Soviético.

Estas grandiosas realizações estão descritas amiúde e por vezes de uma forma muito convincente na literatura soviética e na actual imprensa de esquerda, razão pela qual, com a vossa permissão, não irei falar delas. Outros já disseram e ainda dirão melhor do que eu. Falarei apenas do que ninguém, excepto eu, pelo que sei, **ATÉ AGORA** falou.

Nenhuma das realizações atrás referidas, que verdadeiramente marcaram uma época, teria sido possível se, em paralelo e a par delas, não se tivesse efectuado um intenso trabalho de busca de um esquema sistémico-estrutural, ou **MODELO** de economia nacional socialista. E esse **MODELO DE ECONOMIA SOCIALISTA COMO TAL** foi descoberto entre os anos 30 e 50; a Plataforma Bolchevique no PCUS propôs designá-lo como **MODELO ECONÓMICO DE STÁLINE**. Dado que não existiram objecções, então, conseqüentemente, este modelo passou a constar sob esse nome na ciência económica política actual.

Mais uma vez não vou entrar em detalhes; nos últimos anos falámos tanto deste tema que qualquer pessoa capaz de entender uma argumentação racional há muito que deveria ter reconhecido a nossa razão. Quanto àqueles que, deliberadamente, não querem ouvir, como de qualquer maneira não podem ser persuadidos, temos simplesmente de saltar por cima deles e deixar que a história os recompense pelos seus «*méritos*», verdadeiros e não virtuais, perante o Povo Soviético no momento mais difícil da sua vida.

Uma série de materiais fundamentais sobre esta problemática estão no nosso *site* e volto a repetir o convite já feito.

Foi pois descoberto – ou melhor «*vertido*» da própria prática económica inovadora do Estado Soviético – o modelo de economia

- inteiramente não explorador, no qual se socializa não apenas a propriedade dos meios de produção, mas também o processo de extracção e de distribuição do sobreproduto;

- economia claramente orientada para a contenção de gastos, e por isso não expansionista, auto-suficiente, fechada no seu mercado interno;

- economia onde não há lugar para o consumo supérfluo, e por isso não elitista, orientada para a satisfação activa das necessidades racionais e moralmente judiciosas de todos os membros da sociedade, sem a menor excepção.

- economia programada para a gradual auto-eliminação das relações monetário-mercantis, o que significa a superação do fenómeno do «*trabalho alienado*» e passagem futura em todos os domínios para o trabalho como realização das capacidades criativas do ser humano.

Se pensarmos, camaradas, temos aqui perante nós o único tipo de economia que a humanidade em geral necessita, quando finalmente se definir como constituída por seres pensantes e não por diferentes humanóides. E por isso esta descoberta do bolchevismo soviético estará acima de quaisquer «*governos mundiais*», de reagens e de bushes, de FMIs e de BIRDs, de éltines e pútines juntamente com tchubais e grefs³ e outra escumalha. Sim, com grande pena nossa, é possível dizer mal de uma esplêndida fábrica construída pelo povo, entregá-la nas mãos de um sórdido impostor, arruiná-la, pará-la, torná-la num bordel. Mas se forem conhecidos os princípios e o modelo – e, mais importante, se estes não estiverem perdidos intelectualmente – segundo os quais essas fábricas foram construídas às dezenas e centenas, então tudo pode ser ainda corrigido. E corrigido com juro – tal como fizemos depois da derrota dos hitlerianos em 1945, quando lhes «*corrigimos*» ainda um bom terço da Europa, de maneira que provocámos uma dor de cabeça ao Tio Sam do outro lado do oceano que durou meio século e lhe custou alguns biliões de dólares. Pode ser que na «*correção*» seguinte – ela acontecerá sem falta – fiquem para sempre sem garras nas patas.

O socialismo como processo.

Pode o próprio sistema de instituições de poder ser revolucionário?

O modelo democrático de Stáline.

PROSSIGAMOS pela nossa «*camada superior*».

A concepção do socialismo como **PROCESSO**, tipicamente marxista, é excepcionalmente produtiva: processo de «*transformação revolucionária do capitalismo em comunismo*» e não como um regime social terminado e estabilizado. Esta ideia foi organicamente assimilada pelos bolcheviques russos, a começar por V.I. Lénine.

O conteúdo deste processo no domínio da economia – como acabámos de lembrar mais uma vez – é a auto-eliminação gradual das relações monetário-mercantis e transformação histórica do trabalho-mão-de-obra em trabalho-criação.

Mas como se apresenta o processo de «*transformação revolucionária do capitalismo em comunismo*» no plano político, no patamar da superestrutural?

Aqui é preciso desde já sublinhar que quando falamos da passagem do processo revolucionário para a forma estatal institucionalizada tal não significa de todo o próprio conceito de revolução seja arquivado. Pelo contrário, este conceito adquire maior complexidade, numa forma correspondente, sendo que essa maior complexidade é qualitativa, o que levanta um novo problema de categoria «*ultra-c*», como se diz no desporto. Em concreto: como se pode conceber uma revolução institucionalizada, «*estatizada*»? Ou poderá o próprio sistema de instituições de poder ser revolucionário?

Dir-se-ia que se trata de um quebra-cabeças insolúvel, mas para o génio de Stáline (não foi por acaso que o comparavam a uma águia das montanhas) não havia nada insolúvel. E à pergunta quebra-cabeças colocada perante nós pela história respondeu convictamente: Sim.

³ Trata-se de Herman Óskarovitch Gref (1964), político russo de ascendência alemã, antigo ministro do Desenvolvimento Económico e do Comércio da Federação Russa (2000-2007) e actual presidente do *Sberbank*, o maior banco comercial da Rússia. (N. Ed.)

Com efeito, a revolução segundo Lênine é a manifestação superior da criatividade histórica do povo. Mas daqui decorre que quando o próprio povo toma nas suas mãos o poder de Estado não só é concebível, como é mesmo necessária uma construção do poder na qual esse potencial revolucionário, renovador, que está sempre presente no povo, se realize ordenadamente, à medida do seu amadurecimento e sedimentação, em todas as esferas da actividade social, através do sistema de instituições de poder. E não por meio de cataclismos sociais, os quais habitualmente se designam de revoluções e que, embora comportem um inquestionável princípio criador, também têm, infelizmente, uma carga niilista igualmente considerável.

Assim, a missão histórica universal da ditadura do proletariado consiste precisamente em criar um tal sistema «*respiratório*» interno, político-democrático revolucionário, no qual – como já repetimos várias vezes – o trabalho de cada membro da sociedade se transforme em trabalho por vocação, em trabalho-criação, e seja garantido a todos «*sem excepção*» o direito político e as possibilidades materiais de se revelar em toda a sua riqueza pessoal em qualquer domínio, de se revelar como individualidade criativa, como uma personalidade integralmente desenvolvida.

E aqui voltamos a ver o que vimos no caso anterior relativo à economia, i.e., a concretização deste **DESÍGNIO OBJECTIVO** do Estado proletário, da democracia proletária, no fim de contas também não está ao alcance de nenhuns EUA ou NATO, tamanha é a sua natureza histórico-universal e de toda a humanidade. A derrota que sofremos neste caminho – mesmo sendo tão arrasadora –, de qualquer maneira, pela própria lógica das coisas, só pode ser temporária.

I.V. Stáline, no final dos anos 20 início dos anos 30, traçou um esboço deste mecanismo decisivo da realização ordenada do inesgotável potencial das massas populares, que completaria a construção (não encontro agora uma expressão mais exacta) da ditadura do proletariado. Trata-se do programa de desenvolvimento da auto-crítica e da crítica das massas a partir de baixo, ao qual a Plataforma Bolchevique no PCUS propôs chamar **MODELO DEMOCRÁTICO DE STÁLINE**.

No entanto, temos de reconhecer que este programa, brilhante na sua concepção, estava na verdade irremediavelmente muito à frente o seu tempo e não foi levado à prática, o que mais tarde gerou diversas disfuncionalidades no desenvolvimento da nossa democracia.

Este é um dos pontos cuja cujo aperfeiçoamento nos cabe a nós fazer. Por decisão do I Congresso dos Cidadãos da URSS foi preparado um projecto de nova redacção da Constituição da URSS, o qual pode ser consultado na Internet, e onde estão inscritas estas duas descobertas geniais bolcheviques: o modelo económico de Stáline, o qual apesar de ter vigorado na prática não foi consagrado na Constituição, e o modelo democrático de Stáline, ou o programa da institucionalização da iniciativa crítica-criativa das massas de base.

**Momentos de ruptura no desenvolvimento
do sistema constitucional-jurídico soviético.
A fórmula «URSS».**

**A natureza ideocrática do Estado da ditadura do proletariado.
O princípio do direito de sufrágio universal, igual e directo.**

O desenvolvimento do sistema constitucional-jurídico soviético também encerra uma série de momentos de ruptura de importância histórica universal, sobre os quais seria tolice pensar que alguém ou alguma coisa – um borrachão do Comité do Partido de Sverdlovsk, um ignóbil vira-casacas *ex-KGB* ou um presidente norte-americano esquizóide – podem seriamente impedir a sua futura concretização à escala de todo o globo terrestre.

Em primeiro lugar é a própria fórmula constitucional-jurídica de **UNIÃO DAS REPÚBLICAS SOCIALISTAS SOVIÉTICAS**, ou do que se chama a resolução da questão nacional. A URSS é uma forma de união de povos, por vezes muito diferentes uns dos outros no plano etnocultural, na base da solidariedade de classe da gente do trabalho. A prática histórica mostrou que numa tal união a identidade nacional de todos, mesmo dos mais pequenos e menos desenvolvidos os grupos étnicos, não só não é beliscada, como alcança uma protecção total e um autêntico florescimento. Forma-se uma nova comunidade histórica de pessoas – o povo soviético. A URSS, aberta por princípio à adesão de novos membros, na sua essência é um protótipo perfeitamente delineado da futura república mundial dos trabalhadores, «*o país dos heróis*», como dizia a popular canção soviética, «*o país dos sonhadores, o país dos cientistas*».

No que respeita às deficiências desta construção, que se verificaram na União Soviética (onde é que não as há?), elas tiveram um carácter histórico-concreto, podiam ser superadas, e as nossas propostas a este propósito constam do projecto de nova redacção da Constituição da URSS.

Em segundo lugar.

Em segundo lugar é o tema relacionado com a legitimação da natureza **IDEOCRÁTICA**, ou da natureza racional definidora de objectivos do Estado da ditadura do proletariado, da sua capacidade não apenas de planificar, mas também de estabelecer objectivos estratégicos consistentes a longo prazo no interesse do povo trabalhador, do povo-criador. A este princípio ideocrático, no nosso regime sociopolítico, atribuiu-se historicamente o nome de «*partido*», que não corresponde, em geral, à sua verdadeira essência. De modo que, para já, na presente etapa, trata-se de estruturar o Partido Comunista e todo o círculo de relações que encerra na Constituição do país.

Nesta matéria, mais uma vez, I.V. Stáline teve um papel pioneiro ao incluir na Constituição da URSS de 1936, a qual é merecidamente chamada Constituição de Stáline, o notável artigo 126.^o⁴ Felizmente que esta iniciativa auspiciosa não foi

⁴ O artigo 126.^o da Constituição da URSS, aprovada em 1936, dispõe o seguinte: «*Em conformidade com os interesses dos trabalhadores e para fins do desenvolvimento da auto-iniciativa organizada e da actividade política das massas populares, aos cidadãos da URSS é garantido o direito de associação em organizações sociais: sindicatos, associações cooperativas, organizações de juventude, organizações desportivas e de defesa, sociedades cultu-*

cortada na Constituição da URSS de 1977, onde o referido artigo passou para sexto lugar. E, finalmente, no nosso projecto de Constituição de 1997, figura já não como artigo sexto, mas como capítulo sexto, que é inteiramente dedicado a esta problemática.

É necessário apenas precisar que a concepção do partido bolchevique como «*principal força orientadora no sistema da ditadura do proletariado*»⁵ foi desenvolvida por I.V. Stáline muito antes da elaboração da Constituição de 1936, e podemos encontrá-la, já na sua forma final, na sua obra clássica, *Questões do Leninismo*, datada de 1926.

Em terceiro lugar.

Em terceiro lugar é a adopção resoluta ou mesmo o regresso de I.V. Stáline ao princípio do sufrágio universal, igual e directo na Constituição de 1936. Lembro que no Programa do POSDR, aprovado no II Congresso, esta é apenas uma das principais exigências constitucionais dirigidas à futura «*república democrática*»,⁶ por sinal a segunda da lista.⁷ Ulteriormente, por diversas razões que não podemos aqui tratar, este grandioso princípio democrático foi temporariamente substituído pelo arcaico sistema indirecto da chamada eleição por vários degraus. Este tipo de eleição era apresentado – e continua hoje a ser apresentado pelos nossos pseudo partidos comunistas, por muito lamentável que seja – como um procedimento genuíno da organização proletária das eleições. Na realidade este arcaísmo político simplesmente aparta as grandes massas de trabalhadores da participação real no poder, e o facto de I.V. Stáline ter acabado com esta confusão é também um dos seus maiores méritos.

Mas também aqui temos de fazer algum trabalho. Trata-se nomeadamente da necessidade de eliminar os vestígios das eleições por degraus onde ainda existem: no sistema judicial e – esta é uma questão fundamental – no partido.

No que respeita ao sistema judicial, este só se tornará verdadeiramente popular, o que significa não corrompido e não burocrático, quando os magistrados, incluindo os do Tribunal Supremo, forem eleitos directamente pelo povo e se tornarem, desse modo, passíveis de escrutínio pelo eleitor de base.

No domínio da organização do partido não sairemos do lugar nem resolveremos os velhos problemas que todos conhecem enquanto não introduzirmos o sufrágio interno universal, igual e directo, i.e., dos delegados a todos os fóruns partidários, da conferência regional até aos congressos, bem como a apresentação de candidaturas a todos os postos de direcção no partido directamente pelas células de base, pelas massas comunistas de base. O projecto de Estatutos do Partido, elaborado logo

rais, técnicas e científicas, e os cidadãos mais activos e conscientes das fileiras da classe operária e outras camadas de trabalhadores associam-se no Partido Comunista de Toda a União (bolchevique), que constitui o destacamento de vanguarda dos trabalhadores na sua luta pela consolidação e desenvolvimento do regime socialista e representa o núcleo dirigente de todas as organizações de trabalhadores, tanto sociais como estatais».

⁵ *Questões do Leninismo*, I.V. Stáline, *Obras* (em russo), t.8, p. 35

⁶ Cf. *O PCUS nas suas Resoluções e Decisões*, Parte I, p. 40.

⁷ O Programa do POSDR, aprovado no II Congresso, indica, em primeiro lugar, que a Constituição da futura república democrática deveria garantir «*o poder popular, i.e., a concentração de o poder superior de Estado nas mãos da Assembleia Legislativa, constituída por representantes do povo e numa única câmara*», idem, ibidem. (N. Ed.).

em 1994 pela Plataforma Bolchevique no PCUS, foi publicado no nosso boletim informativo, na altura com uma mísera tiragem. Em breve estará disponível na Internet.

Depreende-se que o próprio princípio do sufrágio universal, igual e directo não é nenhum dogma rígido e que também ele necessita de ser desenvolvido posteriormente, aliás de forma bastante substancial. Isto também daria pano para mangas, mas como tenho de abreviar, volto a repetir o convite para visitarem o nosso *site*, onde tudo isto está exposto no meu relatório «*O País que não perdemos*», o qual é um trabalho explicativo do nosso projecto de nova redacção da Constituição da URSS.

Quem pode ser hoje considerado bolchevique-stalinista?

Prezados camaradas, o formato da nossa iniciativa não permite abordar todas as questões que, neste caso, deviam ser tratadas. Desde já concordo com os reparos que forem feitos por se ter omitido isto, aquilo e aqueloutro. Nenhum dos participantes deste clube político está impedido de fazer os seus acrescentos.

A minha tarefa incluía concretamente a demonstração de que o bolchevismo, ou o comunismo consequente na sua forma leninista-stalinista mais pura e radical, não é de longe uma página virada da nossa história nacional e mundial. Pelo conjunto da gigantesca obra que empreendeu em todas as direcções do desenvolvimento social, este não é um episódio descartável, mas sim o verdadeiro início da nova era, cuja cronologia começa não já com o nascimento de Cristo, mas com o nascimento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. É uma grandiosa promessa histórica universal feita à humanidade por várias gerações de soviéticos e nós, actuais patriotas soviéticos, e aqueles que inquestionável e inevitavelmente se juntarão a nós num futuro próximo, temos o dever **OBJECTIVO** de confirmar intelectualmente esta promessa e prosseguir o seu cumprimento.

Mais algumas notas finais.

Quem pode ser hoje considerado bolchevique-stalinista?

Hoje um bolchevique-stalinista – como decorre de tudo o que atrás foi exposto – é:

– uma pessoa que propaga a ideologia do patriotismo soviético, como forma contemporânea da doutrina marxista-leninista, adequada às realidades existentes;

– que reconhece que a URSS não foi eliminada (e não pode ser eliminada), e continua existir numa situação de ocupação temporária pelas forças e estruturas do capital transnacional;

– que reconhece que a Constituição da URSS continua vigente *de jure* em toda a sua dimensão e, desse modo, a multiplicidade de partidos pseudo comunistas no território da URSS constitui, à luz das normas soviéticas, um fenómeno inteiramente anticonstitucional, que não pode ser justificado por nenhuma circunstâncias criadas;

– e, finalmente, é uma pessoa que vê a saída da tragédia que vive o país na nova consolidação do Povo Soviético (cujo núcleo, recordamos, segundo a Constituição da URSS é constituído pela classe operária revolucionária), na organização da Resistência Popular aos ocupantes e seus fantoches, no desenvolvimento da luta do

Povo Soviético pela liberdade e independência, pela integridade territorial da sua Pátria Socialista.

Apesar de precisarmos de recorrer a diversas manobras táticas, estando nós num território temporariamente ocupado, por princípio, na luta de libertação do povo soviético não poderão ser utilizados meios, métodos, estruturas ou disposições ideológicas, em ampla escala, que contrariem na raiz as normas constitucionais soviéticas.

Referimo-nos, por exemplo, à admissibilidade da propriedade privada; à ideia inculcada insistentemente no povo de que o destino do país, alegadamente, pode ser alterado por via da participação nas eleições organizadas pelos regimes de ocupação; ao reconhecimento político e ideológico, seja em que medida for, da legitimidade dos regimes de ocupação; igualmente à substituição do Partido Comunista da União Soviética por diferentes partidos comunistas criados de raiz no quadro do famigerado multipartidarismo, dos quais o povo soviético não tem absolutamente nenhuma necessidade, que amiúde negam até o facto de povo soviético continuar a existir, não exprimem os seus reais interesses e não contribuem para o seu alcance.

Para a libertação do país o Povo Soviético só precisa objectivamente de um PCUS bolchevizado. Se nos disserem que o PCUS foi contaminado pelo gorbatchovismo e outras podridões semelhantes, então teremos de lembrar que também o PCU(b), nos anos 20 e 30, estava cheio de trotskistas e bukharinistas e deus sabe que mais ainda. Mas isso não levou I.V. Stáline a tentar criar sozinho algures um novo partido. O PCU(b) de então era o símbolo do Estado soviético e não podia ser entregue à mercê do inimigo, tal como a própria URSS. Infelizmente, uma noção tão clara da situação absolutamente análoga em torno do PCUS é praticamente inexistente nas massas do nosso movimento comunista.

E por isso é pertinente constatar, em conclusão de toda a nossa análise de hoje, que a primeira organização que levantou resolutamente a questão de que o partido se tinha desviado do caminho do bolchevismo e da necessidade de retomar esse caminho foi a Plataforma Bolchevique no PCUS. A Plataforma Bolchevique foi também um dos promotores – digamos assim por enquanto – do processo de reconstituição do PCUS entre 1991 e 1993. E não obstante os nossos parceiros nesta empresa terem tido «sucesso» em levar as coisas para mais um impasse, este impasse é temporário e superável; não cessámos nem cessaremos os nossos esforços, simplesmente alterámos a sua forma em conformidade com a situação.

Em 1995 realizou-se o I Congresso de Cidadãos da URSS, cujos materiais estão agora disponíveis na Internet, tal como os materiais do II Congresso realizado em 2001; não vou comentá-los, pois estão ao alcance do entendimento de qualquer pessoal razoável. Erguemos um enorme maciço de concepções teórico-ideológicas sem as quais – desculpem-me a necessária imodéstia – não será possível com absoluta certeza reconstituir um Partido Comunista nacional de toda a União.

V.I. Lénine, no seu brilhantíssimo artigo «*A vitória dos cadetes e as tarefas do partido operário*», o qual citámos várias vezes nos nossos clubes políticos, escreveu o seguinte sobre o «*papel revolucionário dos períodos reaccionários*»:

«(...) *Os períodos de criatividade política directa das massas alternam-se na história com períodos (...) em que as massas se calam ou dormem (aparentemente dormem), oprimidas e esmagadas pelo trabalho forçado e pela necessidade (...)*». E é então que «*o pensamento dos representantes da vanguarda da razão humana faz o balanço do passado, constrói novos sistemas e novos métodos de investiga-*

ção. Pois eis que também na Europa o período após o esmagamento da revolução de 1848 se distinguiu (...) pelo trabalho do pensamento que, mais que não seja, criou *O Capital de Marx*.»⁸

Certamente que não pretendemos ombrear com *O Capital*, mas não é susceptível de quaisquer dúvidas que a história do renascimento comunista no nosso país será a história do regresso à cena política do PCUS, rearmado com o bolchevismo contemporâneo. E quais são os contornos fundamentais do bolchevismo contemporâneo – pelo menos alguns, os principais? Foi a isto que, no fim de contas, esta minha intervenção de hoje foi dedicada.

⁸ «A vitória dos cadetes e as tarefas do partido operário», V.I. Lênine, *Obras Completas* (em russo), t.12. pp. 331-332.